

UMA ABORDAGEM ÉTICA E COMPARATIVA ENTRE AS RELIGIÕES.

GT3 – Filosofia, Cristianismo e História

Fernando Henrique Cavalcante de Oliveira

Doutorando em História e Filosofia da Educação.

UNICAMP- Universidade Estadual de Campinas.

Pesquisador – Grupo Paidéia.

ferhco@hotmail.com

Abstract: Seeking to understand the phenomena and their religious systems as an integral part of culture is exploiting the man as an individual and collective with a more sharp sensitivity to ethical citizenship and a more united in terms of disruption to the prejudices and actions of dominant religious groups that exclude most that add. The religious issues are present in our daily life, and is expressed in popular religiosity, promoting new identities, cultural experiences and current and new forms of spirituality, not being more confined to the area of religious institutions established and assimilated by certain times and cultures.

Resumo: Buscar compreender os fenômenos religiosos e seus sistemas como parte integrante da cultura é valorizar o homem como indivíduo e o coletivo com uma sensibilidade mais aguçada para cidadania e uma ética mais solidária no que tange ao rompimento de preconceitos e de ações de grupos religiosos dominantes que mais excluem que agregam. As questões religiosas estão presentes no nosso cotidiano sendo expressa em religiosidade popular, promovendo novas identidades, experiências e correntes culturais e novas formas de espiritualidade, não sendo mais confinadas ao domínio das instituições religiosas estabelecidas e assimiladas por determinadas épocas e culturas.

Palavras chave: Religião, história e ética.

UMA ABORDAGEM ÉTICA E COMPARATIVA ENTRE AS RELIGIÕES

A religião pertence à infância da humanidade. A religião é a antropologia revestida de novos símbolos e significados. Os símbolos religiosos não são vazios e não surgiram do nada, surgiram do próprio homem e de suas relações, linguagens, desejos, aspirações e projetos. A religião é uma manifestação tipicamente humana, porque ela não está presente em outros seres, mas somente no homem. É uma manifestação presente em toda a humanidade, independente do espaço ou tempo e de grupos.

Afirmamos a religião como um conjunto de conhecimentos, de estruturas e ações com que o homem exprime reconhecimento, dependência e veneração com o sagrado.

As três religiões monoteístas – judaísmo, cristianismo e islamismo procedem de um mesmo tronco, a família de Abraão, e se pautam por valores de fortes traços de identidade. A história de cada uma delas demonstra os momentos de embate e conflitos, como também de espaço para o diálogo, executadas em ações políticas.

Suas ações políticas em alguns momentos visavam a dominação, a preservação e a conquista do poder, e seus ensinamentos e dogmas transformaram-se em armas verbais contra antagonistas de mera ocasião(LEMBO, 2002, p.73).

Os pensadores da Reforma, em momentos de árduas guerras religiosas entre cristãos, na Europa e com desdobramento inclusive aqui no Brasil, apontaram para a prática da tolerância em matéria religiosa. A tolerância não aponta para a aceitação da crença alheia. Ela apenas preserva a consciência religiosa de cada um e os valores de cada confissão. Em decorrência das guerras religiosas européias, Locke, pensador adepto da Reforma religiosa, elaborou o seu *Tratado da Tolerância* (1689) e esta obra oferece ensinamentos válidos e permanentes(Idem, p.74).

Um mal muito ocultado, porém também muito perigoso para o Estado, é constituído por aqueles que arrogam para si e para os membros da seita a que pertencem qualquer privilégio contra o Direito cívico, mesmo que escondido por palavras com aparências belas. (Locke – Sua obra: *Tratado de Tolerância*)

As práticas fundamentalistas ao longo da história têm demonstrado suas vítimas. As práticas inquisitoriais, os julgamentos que se desdobraram em fogueiras ditas “santas”, e a queda das Torres gêmeas em Setembro de 2001 nos EUA, são demonstrações evidentes de lições do passado que permitem nortear nosso *ethos* religioso frente a ações de diálogo, tolerância e respeito sem discursos unilaterais em nome de suas divindades (deuses).

O quadro abaixo apresenta um esboço geral e didático para fins de apresentação, antes mesmo de citarmos graus comparativos de posturas éticas entre grupos religiosos:

QUADRO COMPARATIVO DAS RELIGIÕES

	Hinduísmo	Budismo	Confucionismo	Taoísmo	Xintoísmo	Judaísmo	Islamismo	Cristianismo
Nome do Fundador	Arianos (brancos invasores)	Sidharta Gautama	Confúcio (Kung-Fu-Tsé)	Lao-Tsé	Ancestrais primitivos	Abraão - Moisés, o organizador	Maomé	Jesus Cristo (Nazaré)
Data de Origem	XV a.C.	VI a.C.	VI a.C.	VI a.C.	Pré-História	XVIII - 1700 a..C.	622	30
Local de Origem	Vale do Rio Indo	Nepal (Antiga Índia)	Província de Lu (China)	Província de Pei (China)	Japão	(Israel)	Meca (Arábia)	Palestina (Jerusalém)
Adeptos (1982)	500 milhões	400 milhões	380 milhões	56 milhões	73 milhões	16 milhões	1 bilhão	1 bilhão
Localidades Praticantes	Índia e Ceilão	Indochina, China, Coréia e Japão	China, Coréia e Japão	China e Coréia	Arquipélago do Japão	EUA, Israel (América e Europa)	Oriente Médio, Norte da África e Indonésia	Europa e América
Nome e Conceito de Deus	Brahma - Politeísmo	Ateísmo	Tiên - Deísmo	Tao - Panteísmo	Kami - Panteísmo	Jeová - Monoteísmo	Alá - Monoteísmo	Deus Triúno - Santíssima Trindade - Monoteísmo
Elementos Sagrados	Divindades, Ganges, Benares, vaca, elefante,	Relíquias de Sidharta, estatuetas de Buda,	Ancestrais, virtudes, sabedoria, Zen (família)	Ancestrais, natureza, virtudes,	Ancestrais, natureza, heróis, imperadores,	Sábado, Messias, profetas, Torá,	Kaaba, Meca, Medina, anjos,	Bíblia, crucifixo, igreja, sacramentos, santos (católicos)

e/ou Venerados	macaco.	pagodes.		família	santuários	Jerusalém	Alcorão	
Fonte Doutrinal	Os Vedas e outros	Tripitaka (3 corbélias)	5 clássicos, Anacleto de Confúcio, 4 livros	Tao-Teh-King	Kojiki e Nihonji	Bíblia (AT) Hebraica, Talmude (rabinos)	Alcorão - 114 suras	Bíblia Sagrada (AT + NT)
Local e Tipo de Culto	Templos e santuários, preces, oferendas, peregrinações	Pagodes, preces, oferendas, culto às imagens.	Templos e santuários, preces, oferendas, culto aos ancestrais	Templos e santuários, preces, oferendas, culto à natureza	Templos e santuários, preces, oferendas, culto aos Kamis	Sinagogas, preces, leituras, cantos, ritos	Mesquitas, preces, cantos, recitações	Igrejas, preces, cantos, leituras, sermão, liturgias
Crenças Principais	Sistema de castas, carma, samsara (reencarnar), divindades diversas (animais), cerimonia-lismo por méritos.	4 verdades nobres, 5 deveres morais (ética), metempsicose (reencarnar) nirvana, mahayana e hinayana.	Transmissão de sabedoria pelo estudo, Zen (bondade), culto à sabedoria dos sábios, respeito à família e sociedade	Tao = caminho da virtude e felicidade; respeito à natureza, à família e aos ancestrais; vida natural	Culto aos ancestrais, culto aos Kamis (humanos e natureza), obediência ao imperador, respeito à família e aos velhos; Xinto=caminho dos deuses	Criação, Revelação, Juízo; profetas de Deus (Moisés), leis morais imutáveis	Criação, Revelação, Juízo; 5 deveres éticos, santuários da Kaaba, predestinação	Criação, Revelação, Juízo; 2ª vinda de Cristo, redenção do homem na cruz, sacramentos e santificação
Costumes Principais	Rituais de purificação, vegetarianos, cremação, peregrinações párias, veneração aos animais.	Mosteiros e monges, santuário do lar, estatuetas de Buda, vida contemplativa.	Artes marciais, monges, sabedoria e virtudes, respeito ao próximo, filosofias e provérbios	10 virtudes - Festa do Dragão, alimentação integral, vida natural eremita, mosteiros	Veneração ao imperador, heróis, ancestrais; peregrinações e oferendas aos santuários	Circuncisão, sábado, dia do Perdão, Páscoa, ritual de purificação, dízimo, 12 tribos, jejum	Circuncisão, poligamia, ritual de purificação, genoflexões, jejum, esmolas, peregrinações	Ano eclesiástico, liturgias, padrinhos, sinal da cruz, paramentos e cores litúrgicas
Características de Identidade	Divindades, castas, reencarnação.	Mosteiros, yoga, filosofia, ética.	Zen, provérbios, filosofia ética	Harmonia com a natureza	Culto aos Kamis	Obediência aos mandamentos, circuncisão	Preces com gestos e rituais	Fé na redenção realizada por Cristo

Fonte: http://erikapedrosa.890m.com/arquivos/CULT_REL_quadro_comparativo.doc - Acessado em 20/08/08, as 10:35.

A religião acima de tudo – Traços antigos da ética religiosa nos povos antigos

O estudo do mundo antigo nos conduz, necessariamente, pelo reconhecimento de que a religião comandava a vida inteira das pessoas, do nascimento à morte. Ela dominava a vida familiar, assim como a vida da cidade. O caráter patriarcal da família

era compreendido pela função sacerdotal, uma atribuição exclusivamente masculina. Na cidade, a religião tudo comandava. O monarca era o pai protetor e o sacerdote que oficiava em nome de todos (Comparato, 2006, pp.50-51).

O respeito aos mortos, considerados como entes sagrados era a parte mais importante na velha tradição dos gregos e latinos (idem). Essa crença se mantém por séculos até o advento da modernidade com a grande resistência na Europa para autópsia e dissecação de cadáveres, devido ao ensinamento da vida depois da morte e no caráter sagrado da pessoa do morto.

Algumas idéias e fragmentos desse universo religioso e também histórico aqui citados serão apresentados como uma forma de nos dar uma base e referência dessa trajetória antropológica do ser religioso em diferentes espaços de tempo e culturas, desdobrando-se em posturas éticas dominantes em determinadas culturas e recusadas por grupos menores. Vejamos algumas dessas bases, segundo o autor *Fábio KonderComparato* em sua clássica obra, *Ética: Direito, Moral e Religião no mundo moderno*.

1 – O impacto da fé monoteísta.

1.1 – a evolução da mitologia grega, a partir do século V a.C., sobretudo preparou de certo modo o caminho da fé monoteísta. A originalidade ética do monoteísmo consistiu em introduzir um critério absoluto e inflexível para o julgamento das ações humanas. A Torah judaica foi apresentada como um código universal de ética, ainda que houvesse sido dirigida a um povo eleito (israelitas). A tradição escrita se torna um padrão de aplicação oral para os descendentes – ensinamento oral (Mishnah). Ambas contribuíram para assimilação de discernimento entre o bem e o mal, para melhor obedecer a vontade divina.

No sistema ético da Bíblia, como sucedeu com todas as religiões da antiguidade, não havia propriamente diferença entre normas sagradas e normas profanas; entre ética, direito e prática ritual (Halakha). A situação de minoria cultural, na qual viveram os judeus permanentemente durante tantos séculos, acabou por suprimir a dimensão jurídica dos preceitos bíblicos. O dilema histórico do judaísmo foi, assim, o da escolha constrangedora entre o isolamento e a assimilação, entre o culto do nacionalismo sagrado e o abandono de sua própria identidade cultural...Sob esse aspecto, o monoteísmo hebraico é de natureza fundamentalmente jurídica. Ele não nasce, como as

demais religiões, de modo unilateral, por meio de uma revelação divina, mas sob a forma de uma convenção celebrada entre Deus e a humanidade, representada pelo povo judeu.(COMPARATO , 2006: pp.69-70).

A ética bíblica judaica nesse momento histórico é a própria imagem de perfeição e santidade expressa por Iahweh. Ele mesmo impõe essa imagem como modelo de vida para os homens. Para os judeus, *Torah*, é mais um livro normativo que de leis. A religião judaica de fato é uma religião eminentemente da palavra. Todas as coisas foram criadas pela palavra (logos).

1.2 – A religião cristã.

O cristianismo como extensão do judaísmo não necessariamente traria no seu bojo o mesmo procedimento ético e normativo do grupo anterior. Mas ele mesmo, traria uma ação mais solidária com aqueles que eram estrangeiros para os judeus e uma ação mais humana e solidária para todas as regras contidas na *Torah* e mais precisamente do decálogo.

Não pensei que vim revogar a Lei e os Profetas. Não vim revogá-los, mas dar-lhe pleno cumprimento, porque em verdade vos digo que, até que passem o céu e a terra, não será omitido nem um só i, uma vírgula da Lei, sem que tudo seja realizado. Aquele, portanto, que violar um só destes menores mandamentos e ensinar os homens a fazerem o mesmo, será chamado o menor no Reino dos Céus. Aquele, porém, que os praticar e os ensinar, esse será chamado grande no Reino dos Céus. (Evangelho de São Mateus, 5,17-19)

Em outras palavras, onde a Lei anteriormente ordenava *Não matarás*, era preciso acrescentar agora toda proibição contra todos os atos de agressão entre os homens (Comparato, 2006:p. 71). Toda a relação ética e de prática de amor citada na lei judaica era vista entre os membros da sua comunidade como uma norma a ser cumprida para os indivíduos que tinham em comum essas normas. Todavia, *Comparato* em sua obra nos chama a atenção para a palavra *próximo* referendada em alguns trechos do livro de *Levítico*, como uma forma de chamar-nos a atenção para o outro, o que pensa diferente de mim, aquele que me é estranho e ou estrangeiro, mas que na perspectiva divina é o meu próximo e o meu irmão.

A constante ênfase nos evangelhos em explicitar para o leitor essa relação outrora conflitante entre *judeus e samaritanos, judeus e gentios, árvore genealógica,*

etc, presente em todas as relações estabelecidas naquele momento, e diametralmente oposto uma relação atenuada ente Jesus e *samaritanos*, *Jesus e publicanos*, *Jesus e a mulher samaritana* (Evangelho de João, capítulo 4), *Jesus e a mulher siro-fenícia* (gentia), e sua própria *árvore genealógica* que pontuava *Raabe* (a prostituta de Jericó) e *Rute* (a moabita – filha de Ló com uma de suas filhas). Esse intercruzamento de relações e posturas éticas vêm a romper paradigmas estabelecidos com um judaísmo vigente que carecia de uma nova reflexão de suas próprias posturas e normas estabelecidas.

O próprio dia de descanso, o sábado (Shabat) para os judeus reveste-se de uma nova roupagem no cristianismo quando da afirmação de Cristo que o sábado foi criado para o homem, ou seja, para aquilo que a própria palavra etimologicamente nos remete: *o descanso*. Esse descanso estaria em Deus e não propriamente no dia(sábado). Nessa norma, eles recusavam ações concretas de justiça e solidariedade para com os seus (judeus) e o próximo, em função de um dia que tinha por premissa um descanso , a paz verdadeira almejada entre Deus e os homens e esses últimos reciprocamente.

É mister considerar aqui que a palavra paz = *shalom*, tem a mesma raiz da palavra *shabat*. Portanto, a religião judaica carecia dessa intervenção por parte de Cristo para um novo advento no cristianismo que procurará agir eticamente para com próximo, evitando ações de preconceito e desprezo.

O cerne da perspectiva cristã foi a rejeição radical do legalismo formalista que prevalecia no meio judaico da época. Por esta inversão de valores comparada com o judaísmo, o cristianismo apresenta uma abordagem ética onde os pobres são moralmente superiores aos ricos, os pequeninos aos grandes deste mundo, os desprezados e os marginais aos homens de respeito e de prestígio.

Sob o aspecto ético, a pessoa histórica de Jesus Cristo, independentemente de sua fé na sua divindade, representou pela sua vida e o seu ensinamento, um modelo excepcional de perfeição humana, quer serviu de exemplo a um número incontável de homens e mulheres de todas as culturas através dos séculos (Comparato, 2006, p.452).

Para judeus e cristãos, o bem e o mal não são princípios abstratos, mas entidades personalizadas, respectivamente, em Deus e em Satã. Ao contrário do dualismo típico das religiões mesopotâmicas, que colocavam o bem e o mal em posições paralelas e equipolentes, a figura de Satã na concepção judaica se reveste de uma criatura de Iavé e, por conseguinte a ele se submete. (Idem, p. 445).

1-3 – O Islamismo.

No islamismo, a harmônica integração entre prescrições morais, normas jurídicas e regras de culto persistiu inacabada, desde a sua fundação, durante muitos séculos. A posição de uma minoria cultural, ou de rivalidade entre o poder político e autoridade religiosa, que o judaísmo e o cristianismo conheceram persistentemente, quase nunca foi sentida pelos fiéis muçulmanos. O islamismo foi em quase todas as sociedades que se instalou uma religião de Estado. (Comparato, 2006, p.80).

Como expressão da vontade direta da vontade divina, a lei islâmica abrange todos os aspectos da vida humana. Ela rege, não apenas as relações dos homens entre si, mas também do homem com Deus e com a sua própria consciência. Por isso mesmo, ela compreende não só normas obrigatórias, penalmente sancionadas, como também recomendações ou conselhos, isto é, regra de moral íntima cujo cumprimento ou descumprimento acarreta o favor ou desfavor divino, sem outro efeito externo ou material. (Idem, p.81).

Para o Islamismo, Allah é o único legislador e apenas ele detém da premissa de declarar o que permitido ou não. Toda tentativa humana de intervir e afirmar algo contrário constitui um ato de rebeldia e orgulho. O próprio termo *islam* significa literalmente *rendição, submissão*. A lei islâmica abarca todos os aspectos da vida humana. Ela rege não apenas as relações dos homens entre si, mas também do homem com Deus e com a sua própria consciência. Ao mesmo tempo, o islamismo é rigorosamente missionário. A divulgação da fé é um dever da comunidade muçulmana.

É preciso estender à Terra inteira “os direitos de Deus e os direitos dos homens”, tal como prescritos no Corão. Daí, a importância do *djihad*, ou esforço para alcançar Allah (a expressão completa é *djihad fi sabil Allah*: esforço no caminho de Deus). Um apelo (da’wa) deve ser feito aos Estados que rejeitam o islame. Se eles não o aceitam, então se pode (e a maior parte dos autores entende que se deve) atacá-los belicamente. (Idem, p.81).

Para o islamismo existem cinco regras de ouro. Se a fé é vista como uma construção religiosa, então estas regras representam os pilares que sustentam tal construção, segundo *Karen Farrington* na obra *Hamlyn History of Religion*:

1 – Shahadah. O pilar principal é a confissão de fé de que há um único Deus e que Maomé é o seu último profeta. O Shahadah conduz os muçulmanos a declarar a sua

fé inabalável no Alcorão, nos anjos e no Último Dia. É uma lembrança diária que a crença em deuses falsos é um dos pecados fulcrais do Islamismo.

2 – Salat. O que antes na perspectiva judaica era orar voltado para Jerusalém, em 624 d. C., o Profeta Maomé mudou a direção para Meca, mais precisamente para o Kaaba. Maomé declarou que se devia orar cinco vezes por dia, todos os dias.

3 – Zakat. Sustenta-se na idéia da caridade (esmolas). A palavra zakat é traduzida por purificação e crescimento. Ajuda a ligar todos os membros da comunidade e ao mesmo tempo, segundo Maomé, contribuía para uma sociedade justa e equilibrada.

4 – Sawm. O jejum de um mês de duração. Devem respeitar o jejum homens e mulheres. As crianças são encorajadas experimentarem algumas formas de auto-recusa, embora lhe seja poupado o rigor do sawm. Os benefícios para os muçulmanos são claros. As lições a serem tiradas da abstinência são as da paciência, força de vontade, autodisciplina, moderação e união comunal.

5 – Hajj. O quinto e último pilar do islamismo está relacionado com a peregrinação, onde os muçulmanos são aconselhados ir, pelo menos, uma vez na vida a Meca. É uma experiência profundamente afetiva. A palavra hajj significa visita ao local de culto, e os peregrinos terão de prestar homenagem não só a Maomé, mas também a Abraão. Na profecia islâmica, ele foi um dos primeiros da linhagem de Deus na terra, que terminou em Maomé.

A fé islâmica proporciona um sistema social e legal e estabelece diretrizes para administrar a vida em família. O islamismo oferece ainda códigos de vestimenta, higiene e ética, lei e ordem, assim como rituais religiosos e devoção a Deus. O caráter exemplar da perfeição divina é também bem marcado como modelo de vida para o gênero humano. Alá é sempre justo e bom.

1.4 – A religião romana.

Os imperadores romanos eram tolerantes com as religiões que diferiam da sua, desde que a sua posição elevada não fosse ameaçada. Esta ética de tolerância era benéfica para as religiões politeístas, pois podiam coexistir com a hierarquia romana, mas letal para o cristianismo e o judaísmo, que insistiam na existência de apenas um Deus Poderoso, superior aos imperadores.

Dada a extensão do império, não é de se admirar que os romanos se achassem presidindo sobre numerosas religiões e fossem confrontados com uma confusa coleção de deidades. Numa tentativa de tornar coerentes todos os deuses que surgiam no seu domínio, os romanos adotaram e legitimaram as imagens e ícones de que tiveram conhecimento. Os romanos viam-se a si mesmos como deuses ou semelhante a deuses, e o próprio Coliseu, um vasto anfiteatro para fins de entretenimento e de comparação entre homens, feras e deuses, era a evidência clara disso. Os governantes romanos usavam continuamente a religião para fins políticos, mesmo depois do Cristianismo se ter tornado a fê da nação.

1.5 – Os deuses escandinavos e suas normas estabelecidas.

Os deuses dos *Vikings* mostraram um poder notável de permanência em nossas culturas (ocidente e oriente) com suas prescrições éticas diante de suas divindades. Os povos de língua inglesa prestam-lhe tributo semanalmente, visto que *Wednesday* = quarta-feira provém do deus nórdico Odin; *Thursday* = quinta-feira, do todo poderoso Thor e *Friday* de Frigga, a deusa do amor, do casamento, do coração e do lar.

1.6 - O Confucionismo.

Consternando com a corrupção do estado em grande escala e com a tirania dos governantes mesquinhos, Confúcio reavivou um antigo código de conduta com o fim de solucionar problemas. Os seus ensinamentos tentavam promover a cortesia entre todos, que demarcaria todas as linhas gerais da vida. instruiu sobre cinco tipos de relação onde deveria ser acordado o respeito mútuo: entre governante e o subordinado, entre pai e filho, irmão mais velho e irmão mais novo, marido e mulher e entre amigos.

Para tais relacionamentos funcionarem haveria dois princípios básicos, de que Confúcio gostava conhecido como *Li e Jen*. *Li*, rudemente traduzido por propriedade, moral, maneira e respeito pelo cerimonial. *Jen* é visto como amor à humanidade, caridade benigna e consideração para com os outros.

Confúcio acreditava que a resposta para o dilema essencial da humanidade estava num governo digno e na orientação da natureza humana. No entanto, havia um elemento da religião que lhe era particularmente apelativo, o do compromisso ancestral.. A frase mais cotada nos estudos confucianos é *hsiao*, ou piedade filial, e está relacionada com os temas do dever e da devoção. A popularidade do Confucionismo

creceu cada vez mais. Uma parte do pensamento confucionista tornou-se referência dos exames para o serviço civil na China. Talvez por isso, as teorias tornaram-se imperceptivelmente ligadas ao estilo de vida chinês.

1.7 - O Xintoísmo.

Mais do que uma religião, o xintoísmo é um estilo de vida para os japoneses. Os seus rituais, ritos e superstições passaram de geração em geração e agora estão profundamente enraizados. Embora seja totalmente japonesa, Xintoísmo, deriva de duas palavras chinesas, shen, significando deuses e Tau, significando o caminho. Não há fundador venerado ou escrituras sagradas, mas a religião no entanto, permanece absoluta. O xintoísmo conheceu altos e baixos na sua popularidade, adaptando-se para sobreviver. Tornou-se conhecido pelo fervoroso nacionalismo e crença nos japoneses como uma raça superior. É colocada uma forte ênfase na pureza.

1.8 - O Jainismo.

Para um jainista toda a vida é sagrada. E os jainistas não estão apenas preocupados com o destino dos seus semelhantes - matar a mais humilde das moscas é inaceitável, portanto, para se assegurarem de que os insetos não são engolidos acidentalmente, usam uma máscara na boca, e a água que bebem é coada. Da mesma forma, os jainistas mais cumpridores esfregam o chão com uma escova - tradicionalmente de penas de pavão- antes de passar, a fim de retirar qualquer inseto do seu caminho. Mesmo assim, caminham cuidadosamente. O jainista mais devoto evita mesmo lavar o seu corpo para deixar os parasitas habitarem nele, sem problemas.

Foi o desejo fundamental dos jainistas de preservar a vida que espalhou o vegetarianismo pela Índia. A sua autoridade era tanta que esta religião minoritária deu voz ao resto do país. O ascetismo praticado pelos jainistas é terrível e rígido. A sua austeridade é conhecida como tapas. Se bem que doloroso para os ocidentais, o mais nobre ideal para um jainista santo é passar fome até à morte. Os monges observam cinco votos: de não violência, veracidade, não roubar, negação de bens materiais e castidade.

1.9 - O Budismo.

Para ajudar os seus discípulos a atingirem o Nirvana, o Buda incrementou um decreto de vida com oito itens, que ajudaria os aderentes a porem o sofrimento de lado e a alcançarem bondade e a interioridade necessárias. A abordagem era tripartida,

concentrando-se na moralidade, meditação e sabedoria. São normas éticas que regem esse grupo religioso, somados aos cinco preceitos elaborados por Buda:

Caminho das Oito Vias:

- 1 - Pontos de vista certos; 2 - Pensamentos certos;
- 3 - Discurso certo; 4 - Ações certas;
- 5 - Forma de vida certa; 6 - Esforço certo;
- 7 - Mentalidade certa; 8 - Concentração certa.

Cinco Preceitos:

- 1 - Ser compassivo para todos os seres vivos e não fazer mal a pessoas ou animais;
- 2 - Não roubar ou tirar o que não foi dado. Ser sempre generoso com os necessitados;
- 3 - Evitar o álcool e as drogas, porque enevoam a mente;
- 4 - Não mentir ou maldizer;
- 5 - Respeitar os outros e abster-se da imoralidade sexual.

1.10 – Os grupos protestantes da Reforma no Século XVI.

A reforma protestante consistiu em romper com toda a tradição plurissecular de instituições, princípios e práticas que formaram o arcabouço da cristandade medieval, para instaurar em seu lugar o culto da palavra, expurgada de todo e qualquer acréscimo histórico (Comparato, 2006, p.168). O discurso dos reformadores era de um retorno a um cristianismo mais puro e simples aos moldes dos princípios da Igreja primitiva. Para eles, a redescoberta da verdadeira inspiração e revelação dos textos sagrados foi mascarada pela tradição errônea de quinze séculos de cristianismo. Suas posturas e abordagens para discussão de normas e preceitos éticos são referendados nos livros bíblicos e ou neotestamentários, daí, a terminologia dita protestante, como uma forma de questionar as tradições errôneas da Igreja frente às posturas constituída do próprio cânon sagrado (as Escrituras Sagradas).

A par dessa negação radical do passado, a verdade é que a Reforma Protestante contribuiu, de modo direto ou indireto, para a transformação da sociedade européia, não só no campo religioso, como também no terreno político e econômico, ao produzir fundas alterações no ideário, nas instituições de organização social e na prática de

vida... A substituição da devoção religiosa disciplinada pela instituição eclesiástica, pela convicção pessoal guiada pela consciência e a razão de cada indivíduo, diversamente do que julgou Marx, produziu seus efeitos muito além da religião. Ela foi a matriz dos direitos humanos construídos sobre o fundamento da autonomia de cada indivíduo, tais como a liberdade de consciência e de crença, a liberdade de expressão e opinião, a liberdade de reunião e de associação, direitos esses essenciais à construção do mundo moderno. (Comparato: 2006, pp.169-170).

A ética protestante nesse momento abre o prelúdio para um termo muito importante na modernidade, a liberdade humana que Martinho Lutero discute em um de seus livros. Nessa liberdade de expressão frente às instituições estabelecidas, criam-se outras posturas éticas abusivas e anti-cristãs, como por exemplo a severa postura de Lutero frente ao povo judeu e sua identidade. Em seu livro, *Acerca dos judeus e suas mentiras*, os judeus formariam um povo rejeitado e amaldiçoado e são apresentados alguns de seus conselhos, dentre eles, o de os governantes banirem os judeus do seu território.

O segundo grande reformador da religião protestante e cristã no século XVI acentuou as normas éticas de um racionalismo e individualismo, que iriam marcar a vida ética no mundo pós-medieval (Idem, p.175) - João Calvino. O ponto de partida da ética calvinista é um pessimismo absoluto quanto a natureza humana. Por força do pecado, ela é corrompida e nada produz que não mereça condenação. Em compensação, todo bem que fazemos vem de Deus. Outra consequência observada no comportamento calvinista sobre a predestinação é a idéia de engendrar na cultura um individualismo exacerbado:

Cada um de nós encontra-se rigorosamente só no mundo, diante do problema colossal da salvação eterna. Ninguém pode nos ajudar, pois tudo depende de uma escolha divina já tomada desde sempre. Nem a Igreja nem os sacramentos de nada valem a esse respeito. Daí decorre, como bem observou Max Weber a atitude pessimista de desconfiança em relação a tudo e a todos, que marcou o meio social puritano. Cada um por si e Deus para os seus eleitos. Cada qual confie tão só em si mesmo e nada espere dos outros. Não há dúvida que esse ideal de vida do self-made man influenciou poderosamente as futuras gerações e constituiu uma justificativa moral de grande peso para que o burguês médio desprezasse degeneração moral dos estamentos privilegiados – a nobreza e o clero católico – que viviam à custa do trabalho alheio...Os puritanos desenvolveram ao máximo essa ascese santificadora do trabalho. O ócio é a raiz de todos os vícios. Na concepção de Calvino, todos os bens terrenos pertencem a Deus e

nós somos simplesmente os seus administradores. Obrigados a prestar contas perante o Senhor, temos que demonstrar que não dissipamos os bens que nos foram confiados, mas que, ao contrário, fizemos com que eles frutificassem ao máximo. (Comparato: 2006, pp.180-181).

Toda a Reforma Protestante contribuiu para uma nova forma de pensamento na Europa que possibilitou pensar em um novo homem para esse momento histórico. Ao mesmo tempo, engendrou profundas divisões e contendas sociais mediante posturas éticas e normativas de brandas à severas. Durante mais de um século após as pregações difundidas na Europa no século XVI, rebeliões e guerras civis foram vistas entre grupos de católicos e protestantes.

Essas divisões políticas e sociais mediadas pelo elemento religioso sempre foram evidentes sinais dos abusos que visões religiosas distintas permitem construir no universo dos homens. Nesse patamar, *Locke*, em sua célebre *Carta sobre a Tolerância*, datada de 1685, sustentava com grande veemência que a religião não é matéria de ordem pública, sobre a qual os poderes políticos devem pronunciar-se e editar leis, mas sim de caráter privado. Trata-se de uma idéia moderna, totalmente desconhecida no mundo antigo. A tolerância para ele não é uma simples virtude moral, mas antes, um dever jurídico, que incumbe, tanto aos governantes quanto aos particulares, uns perante os outros, de professar livremente suas convicções religiosas.

Saindo das discussões religiosas, temos também as discussões políticas e sociais que o nascedouro da modernidade trouxe como contribuição para esse período histórico. *Tomas Hobbes* e *Rousseau* são dois ícones desse momento onde suas idéias e proposições podem ser consideradas aqui no que tange às posturas éticas de indivíduos e comunidades:

No século XVIII, Rousseau aparece como o anti-Hobbes por excelência. Enquanto Hobbes o centro de referência ética é sempre o individuo, para Rousseau ele é a comunidade. O pensamento de Hobbes, como o de Maquiavel, parte do postulado da maldade intrínseca da natureza humana. Rousseau, ao contrário, sustenta a bondade natural do homem. Hobbes defende o progresso material e artístico, como sinal de civilização. Rousseau, em manifesta oposição, condena-o veementemente, por razões de ordem ética. A legitimação da ordem política, em Hobbes, está sempre acima do povo, situando-se no órgão que concentra todos os poderes, para garantia da segurança individual. Em Rousseau, ela se encontra no próprio povo soberano, a fim de assegurar a liberdade de todos. (Comparato: 2006, p.229).

Para Rousseau, a civilização burguesa, com a sua moral mercantil de favorecimento dos hábitos de luxo e de criação de desejos artificiais era o grande mal dos tempos modernos. Para ele e adeptos dessa linha de pensamento a educação é um grande instrumento de regeneração social. A educação e a política são aliadas nessa construção de uma sociedade mais ética e solidária com o próximo e meu semelhante.

Educar significa direcionar, orientar, encaminhar na perspectiva de autênticos valores de referência. Mas há um risco enorme justamente na determinação de tais valores. Somente uma meditação profunda sobre a estrutura do ser pode oferecer garantias de um caminho de amadurecimento e plenitude. Mesmo assim, no reconhecimento de que os valores propostos são autênticos, a educação só é verdadeira se o educando for livre na adesão a eles. Outra conclusão, igualmente importante, é a de que a liberdade é consequência da educação. É esse dado que diferencia a educação da domesticação. Ninguém será livre enquanto não puder dizer não a tudo o que lhe é proposto. (Preto: 2003, pp.86-87).

Nesse espaço de discussão ética, a educação é um braço forte para nortear mentes e corações a um senso crítico e uma percepção da construção social da realidade presente e de um patamar que se almeja conquistar individual e coletivamente como sujeitos constituintes de uma sociedade.

Bibliografia:

- ALBERONI, Francesco; VECA, Salvatore. *O altruísmo e a moral*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
- COMPARATO, Fábio Konder. *Ética: Direito, Moral e Religião no mundo moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- FARRINGTON, Karen. *História da Religião*. Versão portuguesa. Lisboa: Central Livros – Ltda, 1999.
- PRETTO, Hermilo. *A teologia tem algo a dizer a respeito do ser humano ?* São Paulo: Paulus, 2003. (Questões Fundamentais da fé).
- WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Edição de Antonio Flávio Pierucci. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.